

## A busca pela singularidade e a teoria do caos como objeto e expressão da moda

SOUSA, Isis Rocha<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo procura num primeiro momento introduzir e abordar os segmentos do *slow fashion* e *fast fashion*, passando posteriormente pelas Vanguardas Artísticas e, por fim, a Teoria do Caos e analisar seus possíveis encadeamentos com a moda. Falando em valores estéticos, colocá-los em harmonia com a experimentação, a imprevisibilidade, a espontaneidade e o sentimento da natureza não domesticada como uma forma de (re)significar e representar uma atitude numa sociedade moderna que é obcecada pela previsão e pelo controle de tudo o que a cerca. A partir disso, desenvolveu-se a coleção DESALINHO – cuja proposta foi oferecer uma nova maneira de expressão, sair dos impasses repetitivos e, de alguma forma, (re)significar o vestuário. Ainda explorar a forma de conexão do consumidor com a roupa e os seus designers, de o indivíduo ser visto, respeitado e apreciado na diferenciação, destacando-se de um todo geralmente neutralizado por padrões homogeneizantes.

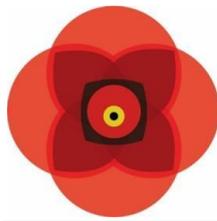
**Palavras-chave:** Singularidade. Performance. Moda. Imprevisibilidade. Teoria do Caos.

**Abstract:** The present article aims at introducing and approaching the segments of slow fashion and fast fashion, passing later on by the Artistic Vanguardas and, finally, Chaos Theory and analyzing its possible links with fashion. Speaking of aesthetic values, placing them in harmony with experimentation, unpredictability, spontaneity and the feeling of undomesticated nature as a way of (re) signifying and representing an attitude in a modern society that is obsessed by the prediction and control of everything about it. From this, the DESALINHO collection was developed - whose proposal was to offer a new way of expression, to get out of repetitive impasses and, in some way, (re) to mean clothing. Also explore the way consumers connect with clothing and its designers, the individual being seen, respected and appreciated in differentiation, standing out from a whole usually neutralized by homogenizing standards.

**Keywords:** Singularity. Performance. Fashion. Unpredictability. Chaos theory.

---

<sup>1</sup>Graduação em Design de Moda – Universidade FUMEC - MG. E-mail: rochaa.isis@gmail.com.



## ***Fast fashion x Slow Fashion***

Em meados do século XIX até a década de 1960 teve como pontos principais a relevância da alta costura em contraponto com a novidade da confecção industrial. Durante essa era, a moda era ditada de maneira piramidal, onde a parcela mais poderosa da sociedade, consumidora e adepta à alta costura, servia de parâmetro para a produção em massa (SILVA; BUSARELLO, 2016).

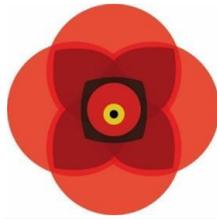
O conceito de *fast fashion* aborda um sistema que começou a se expandir a partir dos anos 1980, tendo como objetivo potencializar mais que nunca a competitividade e rotatividade dentro da cadeia de produção de moda (CAETANO, 2013). Sendo claramente um processo que tem como principal faceta sua rapidez industrial, o *fast fashion* tem o compromisso de produzir o que o seu consumidor deseja no presente momento (CIETTA, 2010), fortalecendo ainda mais o pensamento contemporâneo de trazer o presente absoluto ao indivíduo contemporâneo.

Em oposição a essa aceleração criativa e industrial, entra o conceito de *slow fashion*, que é definido em algumas publicações como uma produção que não está sob os ideais do modelo *fast fashion* e não responde à rapidez das mudanças das tendências da moda (WATSON; YAN, 2013). Encontra-se também a definição de que o *slow fashion* é uma corrente que fortalece a conexão do consumidor com a roupa e os seus designers incluindo também os valores de comunidade e diversidade. Sendo assim, trata-se de um movimento que valoriza o esmero, a qualidade e o pensamento em longo prazo (JOHANSSON, 2010).

Essa forma de cadeia atinge o pensamento criativo no momento em que o estilista se encontra em uma nova perspectiva: primeiramente, ele deve estar atento em oferecer opções que o cliente entenda ser um novo modelo de agir em relação ao consumo, e com isso, o profissional deve analisar a relação do seu produto dentro da cadeia da Moda com os sistemas sociais e econômicos atingidos (LIMA, 2013).

O olhar sobre a Moda como produção artística mostra que o estímulo para a criatividade se torna um papel fundamental para o bom resultado da mesma. Ao estimular a criatividade do indivíduo, é notável o impacto no seu ambiente social e nas pessoas que o cercam, já que se o mesmo não estiver inserido em um meio de profissionais que valorizem sua produção criativa, seus esforços podem encontrar obstáculos que comprometam o resultado final (STEIN, 1974, apud. ALENCAR, 1998).

Ao conduzir essa leitura, pode-se visualizar que o profissional envolvido na missão *fast fashion* é colocado em um meio onde a rapidez econômica o empurra em direção a uma cultura homogênea principalmente em relação ao pensamento coletivo entre os designers, o que acaba por acarretar em um processo criativo



formador de clones e limitador de uma perspectiva de longo prazo (JOHANSSON, 2010).

O *fast fashion* trouxe à tona uma era onde a Moda não está mais em contato com a sociedade, mas as roupas estão (EDELKOORT, 2015). E por mais que isso possa soar extremamente negativo, deve-se entender que é uma boa oportunidade para repensar a Moda como um todo. Já o processo criativo do *slow fashion* defende uma personalização da moda para cada indivíduo consumidor. Esse pensamento cria uma relação entre o cliente e o produto.

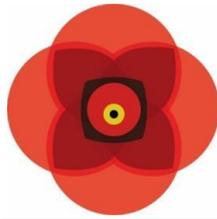
A leitura e tradução do ser como indivíduo separado de uma grande massa sempre fez parte do processo criativo da Moda, se destacando assim da visão da demanda do mercado apenas por demanda. E isso é o que se tem visto no processo criativo da retomada do *slow fashion*, a retomada do pensar o porquê de cada ação e colocar em prática de acordo com a leitura de um pensamento atual, o de conscientização geral. Esse retorno da Moda individualizada traz uma nova linha de raciocínio para esse fenômeno, como se a partir do ápice do *fast fashion* um novo sistema renascesse (SILVA; BUSARELLO, 2016).

## **O surgimento da contra cultura e o *happening***

Voltando em meados dos anos 1960, em intercessão com a revolução industrial e o surgimento do *fast fashion*, nessa época o corpo passa a ser visto como um espaço de reterritorialização. Algumas das principais características dessa década são o movimento hippie, a contracultura, a revolução sexual e o ideal da sociedade alternativa. Nesse contexto surge o *happening*, uma forma de expressão artística desenvolvida em grupo que valoriza a espontaneidade e o improvisado, e está diretamente associado aos conceitos de experimental e anárquico.

É nesse período, graças à visão não conservadora que a revolução sexual lança sobre as práticas chamadas perversas, tirando-as da clandestinidade e imergindo-as de um caráter sedutor, que elementos fetichistas começam a ser incluídos na moda de forma clara.

O termo *happening* é criado pelo americano Allan Kaprow (1927-2006) para designar uma forma de arte que combina artes visuais e um teatro *sui generis*, sem texto nem representação. Nos espetáculos, distintos materiais e elementos são orquestrados de forma a aproximar o espectador, fazendo-o participar da cena proposta pelo artista (nesse sentido, o *happening* se distingue da performance, na qual não há participação do público). Os eventos apresentam estrutura flexível, sem começo, meio e fim. As improvisações conduzem a cena - ritmada pelas ideias de acaso e espontaneidade - em contextos variados como ruas, antigos lofts, lojas vazias e outros.



O happening ocorre em tempo real, como o teatro e a ópera, mas recusa as convenções artísticas. É gerado na ação e, como tal, não pode ser reproduzido. Não há enredo, apenas palavras sem sentido literal, assim como não há separação entre o público e o espetáculo. Do mesmo modo, os "atores" não são profissionais, mas pessoas comuns. (COHEN, 1989)

De acordo com Kaprow, os happenings são um desdobramento das assemblages e da arte ambiental, mas as ultrapassa pela introdução do movimento e por seu caráter de síntese, espécie de arte total em que se encontram reunidas diferentes modalidades artísticas – pintura, dança, teatro, música.

A filosofia de John Dewey (1859-1952), sobretudo suas reflexões sobre arte e experiência, o zen-budismo, o trabalho experimental do músico John Cage, assim como a *action painting* do pintor americano Jackson Pollock (1912-1956) são matrizes fundamentais para a concepção de happening.

## Pollock e o expressionismo abstrato

Como exemplo de matriz fundamental do Happening e um dos principais representantes do *action painting* - pintura gestual -, destacará neste projeto como notável referencial, Jackson Pollock (Figura 01). Morto aos 44 anos, em 1956, Pollock foi um dos maiores nomes do expressionismo abstrato. Tendo nascido nos Estados Unidos, foi mais tarde figura central do deslocamento das vanguardas para Nova York, substituindo Paris, arrasada pela Segunda Guerra.

Figura 1 – Jackson Pollock e sua forma de pintar



FONTE: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/jackson-pollock-e-sua-forma-de-pintar/>

Em sua técnica conhecida como *drip painting*, ou pintura com respingos, o artista deitava a tela no chão e arremessava os pigmentos contra a superfície, dando o

efeito de uma tempestade de cor, e entrou para a história associada à liberdade de expressão e renovação estética pregada pelos Estados Unidos.

A experimentação já estava presente em seu espírito, como percebemos em seus trabalhos ainda figurativos: o traço livre quase caótico, a dispersão da lógica e a busca de uma essência. Logo a tela convencional não era mais suficiente para Pollock, que além de derramar tintas sobre suas obras aleatoriamente – *dripping* – passa a colocá-las no chão do seu atelier. A partir daí, o artista começou a entender sua produção sob outra vertente: “A pintura tem vida própria. Procuo deixar que ela se manifeste”, disse.

O *dripping* era a técnica na qual respingava a tinta sobre suas telas; os pingos escorriam formando traços harmoniosos e pareciam entrelaçar-se na superfície do suporte. Pollock fazia uso de ferramentas não convencionais, como varas, escovas duras e até seringas, regando para criar. Segundo ele:

Não trabalho a partir de desenhos ou esboços em cores. Minha pintura é direta. (...) O método de pintar é o resultado natural de uma necessidade. Quero expressar meus sentimentos, e não ilustrá-los. A técnica é apenas um meio de chegar a uma declaração. Quando estou pintando, tenho uma ideia geral do que estou fazendo. Posso controlar o fluxo da pintura: não há acidentes, assim como não há começo nem fim. (CARMINI, 2012).

## **Meios de comunicação, contestação sociocultural e política e subjetividade humana**

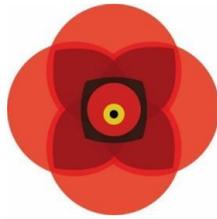
34

---

Num cenário parecido ao das vanguardas artísticas junto da urgente necessidade de denunciar a manipulação ideológica na década de 1970 parece dar lugar, hoje, a um não menos imediato impulso de identificar práticas de resistência nos mais diferentes momentos e cenários da vida social. Analistas sociais encontram contestação nas situações mais ordinárias: de vestimentas e cortes de cabelo ao consumo criativo de produtos midiáticos, da adoção de estilos de vida “alternativos” à perambulação sem destino pelas cidades (FREIRE FILHO, 2007).

Mudanças concretas nas conjunturas políticas e socioeconômicas também podem explicar o surgimento de manifestações que se pretendem resistentes, mas que se recusam a emparelhar os tradicionais modelos de questionamento, procurando novas maneiras de formular críticas e propor alternativas às configurações sociais sedimentadas.

Originadas no encontro de ativistas políticos, artistas, hackers, produtores culturais, trabalhadores sociais, profissionais e pesquisadores da indústria midiática, estas manifestações utilizam as mídias tradicionais (rádio, TV, cinema, jornal, etc.), as tecnologias digitais, em especial a internet, ou mesmo



transformam canteiros de rua, muros e postes em veículos de comunicação não convencionais com a intenção de construir posicionamentos críticos quanto à grande mídia, demonstrando uma peculiar reflexividade quanto às funções dos meios de comunicação na sociedade. (MAZETTI, 2008 p. 3).

Estas atividades possuem diferentes metodologias e periodicidades de ação, distintos tipos de organização e variados tempos de existência. Para os movimentos sociais com causas específicas, a cultura da mídia é problematizada em sua capacidade de reproduzir os discursos que cimentam o status quo, de marginalizar alternativas aos modelos vigentes e de contribuir para a produção de um “pensamento único”. A mídia e sua cultura se revelam, ao mesmo tempo, parceiras, inimigas, instrumentos e terreno de luta política pelo poder simbólico e pelo controle sobre as formas de representação. (MAZETTI, 2008).

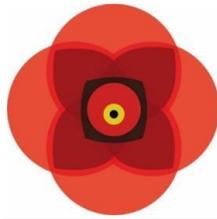
Sobre o crescente desenvolvimento de subjetividades produzidas de maneiras maquínicas, Guattari (1992) aponta que as máquinas oriundas da tecnologia responsáveis pela informação e comunicação, atuam diretamente na produção da subjetividade humana. Há uma obrigação, que é imposta pela tecnologia, que visa uma homogeneização universalizante que reduz a subjetividade, ao mesmo tempo em que reforça a heterogeneidade e singularização. Através da evolução da tecnologia ainda é possível reapropriar e re-singularizar o uso da mídia.

Ainda sob a perspectiva de Guattari (1992), o melhor é a criação, a invenção de novos universos de referência; o pior é a mass-midialização embrutecedora a qual são condenados hoje em dia milhares de indivíduos.

Associaremos aqui o *fast fashion* com sua rapidez industrial, reprodução dos discursos que cimentam o status quo e está maneira maquínica (e formadora de clones) - já ilustrada por Guattari - e o *slow fashion* como forma de reapropriação e ressingularização do uso da mídia, sendo voltado à subjetividade do sujeito, já que é uma corrente que defende uma personalização da moda para cada indivíduo consumidor. Também procurando novas maneiras de formular críticas e propor alternativas às configurações sedimentadas ao vestuário.

## **Teoria do Caos e Efeito Borboleta**

Num cenário parecido ao das vanguardas artísticas junto da urgente necessidade de denunciar a manipulação ideológica na década de 1970 parece dar lugar, hoje, a um não menos imediato impulso de identificar práticas de resistência nos mais diferentes momentos e cenários da vida social. Analistas sociais encontram contestação nas situações mais ordinárias: de vestimentas e cortes de cabelo ao consumo criativo de produtos midiáticos, da adoção de



estilos de vida “alternativos” à perambulação sem destino pelas cidades (FREIRE FILHO, 2007).

Neste projeto, o Happening e sua experimentação são abordados em tangente com a Teoria do Caos, reforçando toda sua imprevisibilidade. E é aqui que se pretende ilustrar como a subjetividade do sujeito pode ser construída de forma única, onde designer, artista e consumidor fortalecem sua conexão a partir deste vestuário.

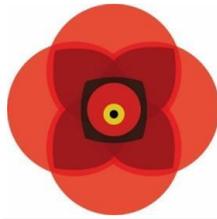
A Teoria do Caos surgiu a partir dos estudos de um meteorologista norte-americano chamado Edward Lorenz (1960), e conseguiu-se fazer algo até então inusitado. Utilizando equações que envolviam apenas três variáveis – temperatura, pressão atmosférica e velocidade dos ventos -, Lorenz tornou possível fazer previsões do tempo.

Enquanto realizava simulações sobre o movimento de massas de ar num programa de computador para prever a temperatura, para poupar tempo, iniciou seus cálculos no meio de uma sequência, desprezando três casas decimais. Lorenz notou que ao ocultar apenas essas três casas decimais do cálculo que havia feito previamente, a sequência tinha se desenvolvido de maneira totalmente diferente do padrão previsto anteriormente e o novo resultado final era drasticamente diferente do anterior. Gleick (1990)

A partir dessas observações, Lorenz formulou uma frase que passaria a representar a essência da Teoria do Caos: "o bater de asas de uma borboleta no Brasil poderia causar um tornado nos Estados Unidos".

Desde então, a Teoria do Caos, que outrora era aplicada somente para entendimento dos mecanismos que dão origem a fenômenos meteorológicos tem vindo dar explicações nos campos da matemática, física, biologia, medicina, ciências sociais, economia, entre outros (PRIGOGINE, 2002). Sobre a Teoria do Caos, esclarece Lewenkopf (2002):

Basicamente esta teoria introduz um novo modo de entender fenômenos onde, mesmo a partir de uma informação precisa sobre um sistema em um determinado instante, é muito difícil fazer previsões sobre sua evolução no tempo. O que é surpreendente e um dos principais elementos de um sistema caótico é sua imprevisibilidade, gerada pela dependência direta das condições iniciais. Alguns fenômenos, devido à sua complexidade e impossibilidade de se conhecer todas as suas condições iniciais adquirem, ao longo do tempo, um caráter desordenado ou aparentemente caótico, não previsível, podendo apresentar uma infinidade de padrões e nunca se pode saber o que acontecerá em seguida. Nesse sentido, o caos não é exatamente a ausência de regras. O termo surgiu para denominar esses sistemas estranhos, ou seja, aqueles que, num espaço de tempo, sofrem uma transformação e quando entram nesse estágio de imprevisibilidade e caos são chamados atratores estranhos.



A sociedade moderna é obcecada pela previsão, pelo controle e pela manipulação de tudo o que a cerca. Porém, os sistemas caóticos e não lineares – processos em que as equações envolvem taxas variáveis de mudança, e não taxas fixas, em que as mudanças são multiplicadas em vez de adicionadas, e pequenos desvios podem ter vastos efeitos - presentes na natureza, na sociedade e em nossas próprias vidas estão muito além de permitir que se faça qualquer previsão, manipulação ou que se obtenha controle.

A Teoria do Caos é umas das leis mais importantes do Universo, presente na essência de quase tudo o que nos cerca. É só observar atentamente os fenômenos mais casuais da vida para notar que essa ideia faz muito sentido. (FEY; ROSA, 2012). Observe o exemplo de Silva e Silva (2010, p. 1):

Imagine que, no passado, você tenha perdido o vestibular na faculdade de seus sonhos porque um prego furou o pneu do ônibus. Desconsolado, você entra em outra universidade. Então, as pessoas com quem você vai conviver serão outras, seus amigos vão mudar, os amores serão diferentes, seus filhos e netos podem ser outros... [...]

Ou seja, no final, sua vida se alterou por completo, e tudo por causa de um prego no início dessa sequência de eventos.

Outro exemplo pode ser dado quando você solta, ao mesmo tempo, dois balões de hélio idênticos em direção ao céu, os vemos seguir em diferentes posições; um pequeno peixe que se move em uma determinada direção, pode fazer com que duas moléculas de água vizinhas acabem em diferentes oceanos; o caótico aumento ou queda do mercado de ações...

Pesquisas mostram algo surpreendente: equações idênticas aparecem em fenômenos caóticos que não têm relações uns com os outros. Isso significa que pode haver uma estranha ordem por trás de toda imprevisibilidade. Só a continuação das experimentações pode resolver o mistério. (FEY; ROSA, 2012).

O Caos aqui não é a desordem, mas a imprevisibilidade que busca no aparente acaso uma ordem que é determinada por leis precisas. Por meio da Teoria do Caos, podemos ver ordem e padrão onde só se observam aleatoriedades e irregularidades. Para Prigogine (2002, p. 8):

[...] a formulação tradicional das leis da natureza contrapunha as leis fundamentais atemporais às descrições fenomenológicas, que incluem a seta do tempo. A reconsideração do Caos leva também a uma nova ocorrência, a uma ciência que não fala apenas de leis, mas também de eventos, a qual não está condenada a negar o surgimento do novo, que comportaria uma recusa da sua própria atividade criadora.

O termo Caos, como sabido, se refere a um padrão de organização existente por trás da aparente casualidade.

[...] 'Caos' – uma palavra antiga que originalmente enunciava uma falta total de forma ou arranjo sistemático, mas atualmente utilizada para sugerir a ausência de alguma forma de ordem que deveria estar presente. Afirma Lorenz (1996, p. 15).

O Caos aqui não é a desordem, mas a imprevisibilidade que busca no aparente acaso uma ordem que é determinada por leis precisas. Por meio da Teoria do Caos, podemos ver ordem e padrão onde só se observam aleatoriedades e irregularidades. Para Prigogine (2002, p. 8):

Dessa forma e para operação neste projeto, a Teoria do Caos em intercessão com o *happening* (onde as improvisações conduzem a cena) diz respeito a adotar uma espécie de graça instantânea na produção e expressão do vestuário. Sabendo de efeitos sensíveis às condições iniciais e que uma pequena variação nelas é capaz de conduzir a grandes alterações posteriores, coloca a Teoria do Caos em harmonia com o sentimento da natureza não domesticada, não civilizada, não domada.

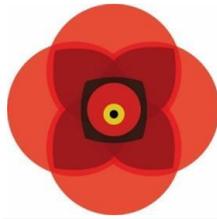
Onde, apesar das predições, há um grande aumento da imprevisibilidade. Não poderemos prever o futuro, pois mesmo os detalhes mínimos podem levar a um resultado totalmente diferente.

## **Coleção Desalinho**

A coleção promoveu uma espécie de sincretismo entre a Teoria do Caos, o *happening* e o expressionismo de Pollock com a moda, procurando novas maneiras de expressar, formular críticas e propor alternativas às configurações sociais sedimentares, especialmente no vestuário.

Como um trabalho de transformação a ser iniciado, estabelecer uma nova relação entre vestuário e consumidor. Essa relação é fundamentada em um novo olhar, nas percepções e sensibilidades de um neoconsumidor, colocando-o frente ao processo da construção de expressão do vestuário. Falando em valores estéticos, colocá-los em harmonia com o sentimento da natureza não domesticada, não civilizada, não domada. Inspirar as pessoas a enxergarem na produção das peças um valor artístico e autoral. Trazer ao olhar do consumidor a fluidez, desde a concepção, às interferências que fazem da identidade de cada peça, única.

Primeiramente, trata-se de não seguir padrões normativos ou heterônimos (injunção de autenticidade); em segundo lugar, trata-se de não ser um outro (ou como os outros): exigência de originalidade; finalmente, trata-se de não ser um



indivíduo “qualquer” – vago, informe e indeterminado – mas de atribuir-se a um estilo, desconstruindo categorias fixas e propondo um novo pensamento (a injunção identitária propriamente dita).

Em segundo lugar, promover a contestação e a subordinação passiva dos consumidores aos produtos que consomem, nessa perspectiva, subverter aos modelos estabelecidos pelo *status quo*. Os produtos são apresentados como ferramentas destinadas a essa construção de si.

Dessa forma, produzido e construído em todo seu processo de maneira única, um vestuário que defende a personalização da moda para cada indivíduo consumidor. Pensamento esse que cria uma relação entre cliente e produto. A leitura e tradução do ser como indivíduo separado de uma grande massa, se destacando assim da visão da demanda do mercado apenas por demanda.

A proposta também consiste em transformar o vestuário num veículo de comunicação não convencional com intenção de construir posicionamento crítico, assim provocar peculiar reflexividade quanto às funções do vestuário e comunicação na sociedade.

Por fim, servindo da passarela como lugar da experimentação e efemeridade, procura intervir em estigmas culturais associados ao conceito do *mainstream*. Explorando a forma de o indivíduo ser visto, respeitado e apreciado na diferenciação, em contraponto aos efeitos da civilização industrial e da produção em larga escala. Transformando cada peça do vestuário em instrumento de poder simbólico e de representação subjetivos.

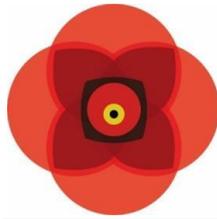


Figura 2: Croquis Família Caos



Fonte: da própria autora

Na família Caos, fitas de americano cru são postas como coleiras e/ou amarras e remetem à natureza não domesticada do sujeito.

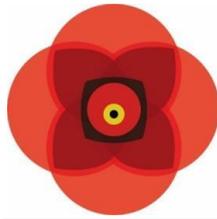
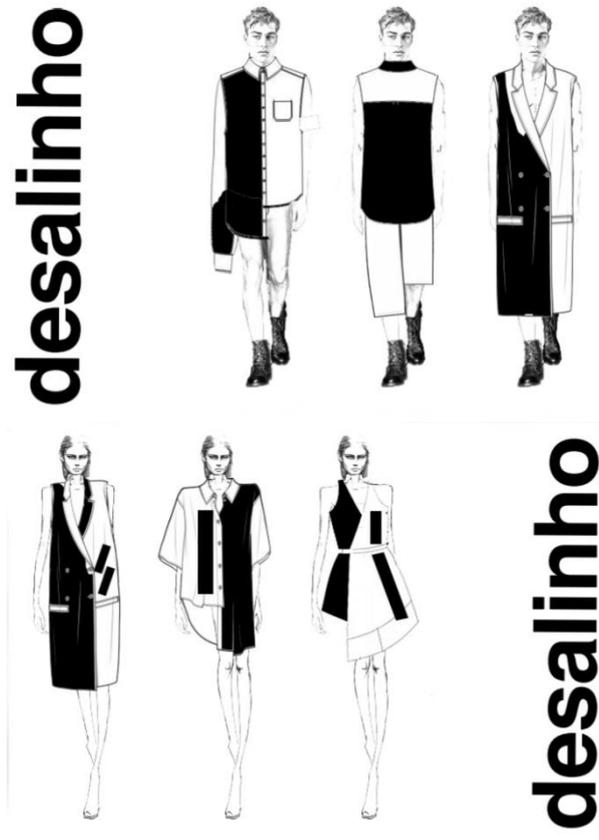


Figura 3: Croquis Família Desalinho



Fonte: da própria autora

Na família Desalinho, peças do vestuário são confeccionadas de maneira assimétrica e com interferências aleatórias de linhas soltas nos looks.

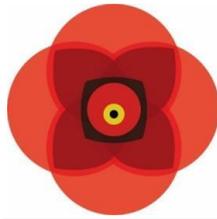


Figura 4: Croquis Família Síntese Gráfica



Fonte: da própria autora

Na família Síntese Gráfica a ideia de fragmentar palavras compondo espaços inesperados dentro de cada peça do vestuário, provocando um olhar exploratório, não cômodo.

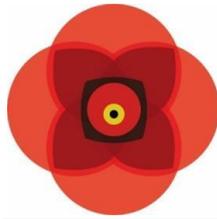
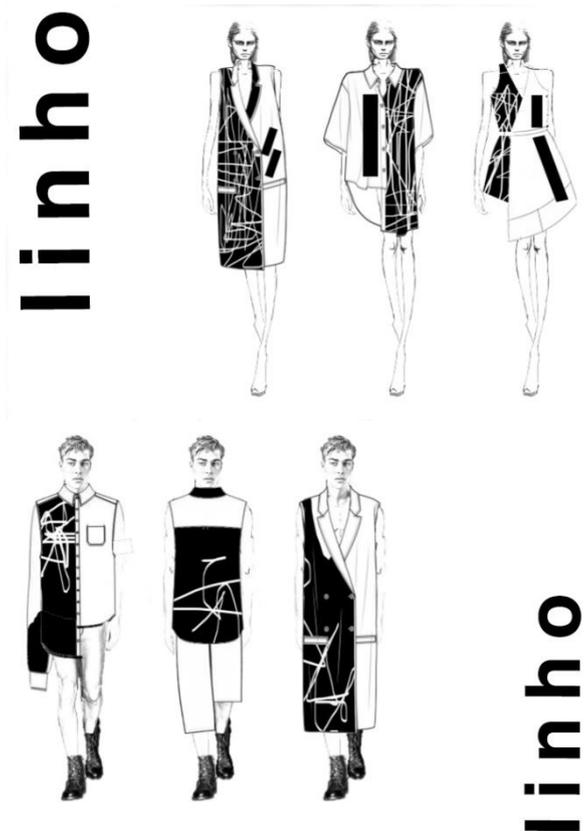


Figura 5: Croquis Família Linho



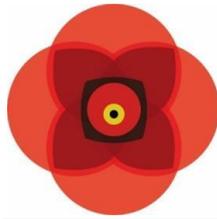
Fonte: da própria autora

Na família Linho, looks são, num geral, produzidos com linho (tecido). E interferências com linhas soltas são elementos de estilo colocados de maneira aleatória e solta. De forma com que o vestuário pareça inacabado.

As modelagens dos três *looks* resultantes têm como referência o período final do século XIX e prioriza a alfaiataria clássica apresentada de forma contemporânea, junto ao acabamento aprimorado e *design* autêntico, peças em tons *off white* representam aqui espécie de telas a serem preenchidas.

Produzida para homens e mulheres, a coleção elege tecidos de alta qualidade como o linho e cambraia, em peças totalmente *handmade*.

Fazendo alusão ao *happening* em sincretismo com o expressionismo de Pollock, é trazida ao público a fluidez artística ministrada por artistas, *designers*, grafiteiros e/ou tatuadores, que orquestrarão com materiais inusitados uma espécie de show onde as peças do vestuário serão pintadas de maneira única, gerado na ação, experimentação e espontaneidade. As improvisações conduzem a cena – ritmada pelas ideias de acaso e espontaneidade de cada artista. De forma a aproximar o espectador, fazendo-o participar da cena proposta.



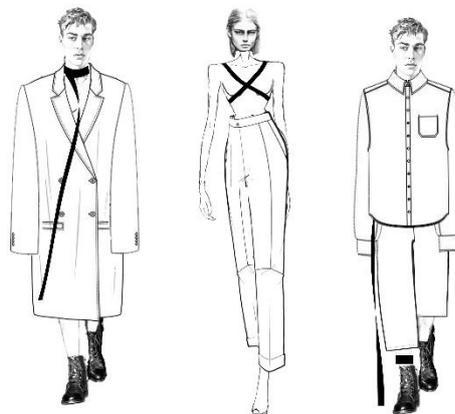
Desta forma, com expressão original, as estampas são produzidas pelos artistas Kid Azucrina e Rafael Barcelos transportando valores subversivos em contraponto aos efeitos da civilização industrial e da produção em larga escala, trazendo em cada *look* identidade e modernidade produzidas de forma singular.

A música foi mixada por um DJ, com interferências tomadas com plena espontaneidade, num sistema dinâmico aberto. Apresentando perturbações como: ruídos de fundo de forma não linear, inconstância e espécie de Caos. Essas interferências ou perturbações causam cicatrizes na música ao usar sons de acontecimentos como uma ligação telefônica, acidente automobilístico, e assim por diante. É uma forma de representar um conjunto de acontecimentos ou eventos que, embora pareçam casuais, formam, em seu conjunto, um processo. Por assim dizer, trazem uma nova ordem à vida real.

Todos os processos aqui acontecem articulando diferentes sentimentos, materiais, culturas, tradições e tecnologias.

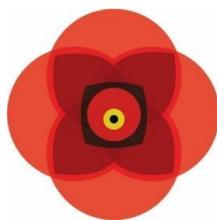
A coleção inspirada na Teoria do Caos, tema do desfile, aguça ideia para produzir vestuário de forma mais artística e voltada à produção autoral como 'potência de moda', reforçando ainda mais o apelo e o modo consciente sobre o vestir pela identidade, delicadeza e por que não, brutalidade. Por fim, um produto-roupa que contenha elementos de moda, e que certamente, desafia para a evolução do pensamento sobre o tema. Um vestuário que leva consigo história, corpo, arte e significados.

Figura 6: Croquis Coleção Desalinho



Fonte: da própria autora

Nesta figura, os croquis finais da coleção Desalinho. Looks que priorizam a modelagem em alfaiataria clássica, todos em linho e inteiramente *off White*, que sofrerão posteriormente interferências pelos artistas no próprio desfile. Foram mantidos elementos de estilo referentes às famílias mostradas anteriormente, com seu respectivo significado.



## Referências

BEY, Hakim. **CAOS: Terrorismo poético e outros crimes exemplares**. Disponível em: <<http://www.imagomundi.com.br/cultura/caos.pdf>>. Acesso em: 23 março 2018.

BLISSETT, Luther. **Guerrilha Psíquica**. Campinas: Conrad, 2001.

BRUNO-FARIA, Maria; ALENCAR, Eunice. **Indicadores de clima para a criatividade**: um instrumento de medida da percepção de estímulos e barreiras à criatividade no ambiente de trabalho. Revista de Administração. São Paulo: v. 33, n.4, p. 86-91, outubro/dezembro 1998.

DERY, Mark. **Culture Jamming: Hacking, Slashing, and Sniping in the Empire of Sings**. Disponível em: <[http://markdery.com/?page\\_id=154](http://markdery.com/?page_id=154)>. Acesso em: 23 março 2018.

EFEITO BORBOLETA. Direção: Eric Bress, Produção: Anthony Rhulen Chris Bender, Ashton Kutcher, J.C. Spink, A.J. Dix. Estados Unidos (EUA): New Line Cinema, 2004. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TRqzDoUg4u0>> Acesso em: 01 abril 2018.

FREIRE FILHO, João. **Reinvenções da resistência juvenil**: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano. Rio de Janeiro: Mauá, 2007.

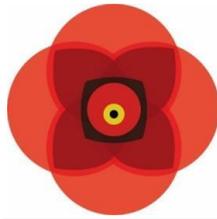
GUATTARI, Félix. **Da produção da subjetividade**. In: \_\_\_\_\_. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

HAPPENING . In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3647/happening>>. Acesso em: 29 de Mar. 2018. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

KAPROW, Allan. **Assemblage, environment & happenings**. New York: Harry N. Abrams, Inc., Publishers, 341 p., il. p&b.

LOVINK, GARCIA. **A ação política no cotidiano**: a mídia tática como conceito operacional para pesquisas em mídia, cotidiano e política. Rio de Janeiro: UFF, 1999.

MAZZETI, Henrique. **O expressivismo como contestação midiática**. Disponível em: <<http://seer.utp.br/index.php/i/article/viewFile/66/50>>. Acesso em: 23 março 2018.



MONACHESI, Juliana. **A explosão do a(r)tivismo.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mas/fs0604200305.htm>>. Acesso em: 23 março 2018.

CARMINI Carolina. **POLLOCK UM HOMEM NO CENTRO DE SUA TELA.** Disponível em: <[http://obviousmag.org/archives/2012/05/pollock\\_um\\_homem\\_no\\_centro\\_de\\_sua\\_tela.html](http://obviousmag.org/archives/2012/05/pollock_um_homem_no_centro_de_sua_tela.html)>. Acesso em: 23 de março 2018.

PIRES, Beatriz. **O corpo como suporte da arte.** São Paulo: Senac, 2005.

PRIGOGOGINE, Ilya. **As Leis do Caos.** Porto Alegre: Unesp, 2002

ROCHA, Sílvia. **“Seja você mesmo”:** mídia, consumo e subjetividade. Ver. Mal-Estar e Subjetividade. Vol.11 no.4 Fortaleza dez. 2011.

SEELING, Tina. **Ingenius: A Crash Course on Creativity.** Stanford, CA, EUA. Ed: HarperOne , 2012.